



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

ANA MARIA RICHA MEDEIROS

(depoimento)

2014

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Ana Maria Richa Medeiros

Entrevistador: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Local da entrevista: Clube de Regatas Flamengo, Rio de Janeiro, RJ.

Data da entrevista: 14/08/2014

Processamento da Entrevista: Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares

Páginas Digitadas: 17 páginas

Número da entrevista: E-458

Data da autorização para publicação no Repositório: 14/08/2014

Revisão para inserção no Repositório: Isabela Lisboa Berté e Silvana Vilodre Goellner

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

SUMÁRIO

Iniciação no esporte; Trajetória; Geração do vôlei da década de 1980; Apoio da família; Episódios marcantes de sua carreira no vôlei; Dificuldades; Atuação na Seleção Brasileira; Articulação entre carreira e vida pessoal; Percepções em torno do corpo atlético; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Transição do vôlei de quadra para o vôlei de praia; Aposentadoria como atleta e atuação como técnica; Legado do vôlei para sua vida.

M.T. – Ana, o que te levou ao voleibol?

A.R. – Bom foi bem por acaso. Eu estudava num colégio junto com a minha irmã. Havia dois irmãos que eram botafoguenses e um dos irmãos jogava vôlei e eu morava bem pertinho do Botafogo. A minha irmã era grandona, já tinha um e setenta, um metro e setenta e um com treze anos. Aí ele chamou a Cláudia [irmã] para jogar: “Ah, vem jogar, você é grande e tal. Vamos lá jogar vôlei”. E eu, ao contrário, era muito pequenininha e fui meio que de rabo acompanhá-la nos primeiros meses. Aí eu comecei, entrei na escolinha e na época, no Botafogo mesmo, treino era metade da quadra, era no mirim e metade da quadra era na escolinha. Então a gente acabava treinando no mesmo horário, eu era muito pequenininha, muito fraquinha em todos os sentidos, tanto de vôlei como de físico [risos], mas como ela era grande e era uma promessa ali de virar uma jogadora eu fui ficando... Eu fui totalmente a reboque dela [risos].

M.T. – E você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

A.R. – Bom eu fiz natação muito para aprender a nadar. A competição na natação me fez exatamente parar de nadar porque eu nadava direitinho e o professor me inscreveu numa competição e eu acabei ficando em último lugar na minha série e não gostei, achei aquilo muito chato. Eu não estava preparada para competir ainda e acabei saindo da natação e larguei mesmo. Já tinha aprendido a nadar, então a minha vida esportiva na natação foi resumida a uma prova [risos].

M.T. – Quando você começou a jogar? Por qual clube?

A.R. – Bom eu comecei em 1978 pelo Botafogo mesmo.

M.T. – E com quem você começou a jogar voleibol? Treinador?

A.R. - Eu tive a sorte de começar a minha carreira jogando junto com o Marco Aurélio¹ como treinador. Ele era jogador e naquele ano ele tinha assumido o... Ele passou para a

¹ Marco Aurélio Mota.

faculdade de Educação Física e assumiu o mirim pra começar a treinar. Então, ele estava começando a carreira de técnico dele e eu a minha e acabou que ele foi meu técnico de clube durante onze anos.

M.T. – Como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta?

A.R. – Olha, era bem diferente do que é hoje em dia, né? No vôlei principalmente, você começava por acaso ou por que tinha um amigo ou porque você freqüentava um clube. O esporte não era um meio de vida e nem uma finalidade, com uma carreira como é hoje que vários pais investem nos seus filhos para serem jogadores e virarem profissionais daquela modalidade. O vôlei era uma brincadeira séria, né? A gente gostava de jogar, a gente jogava muitas vezes pelo seu clube de coração, você tinha um envolvimento, eu acho, que um pouco maior porque você ia porque você queria e não porque você ia ganhar dinheiro; ou porque você é famoso ou porque tava na moda. Eu acho que era mais uma paixão mesmo, mais coração e não tanto uma coisa com segundas intenções. Não que hoje não tenha isso, mas muito menos naquela época.

M.T. – Por quais clubes você jogou?

A.R. – Clube, só o Botafogo. Empresas, pelo Bradesco, depois eu fui para Pão de Açúcar, Colgate, Rio forte, aí voltei pra jogar na Translitoral, no Guarujá, em São Paulo. Voltei pra Rioforte mais um ano aí eu parei para jogar no vôlei de praia. Fui chamada para jogar um campeonato adulto pelo Botafogo e aí acabei encerrando minha carreira aqui no Botafogo mesmo.

M.T. – Então, começou e encerrou no Botafogo?

A.R. - Comecei e encerrei. Eu brinco que aqui no Botafogo eu joguei de mirim a juvenil e eu fui bicampeã de todas as categorias: mirim, infantil, infante e juvenil e sai e fui pro Bradesco. E enfim, aí virou uma carreira mais profissional e aí quando eu fui chamada para jogar aqui só o Botafogo poderia me chamar para jogar o adulto aqui no Rio. Eu falei: “É, está faltando esse título no meu currículo, eu preciso ganhar o adulto.” E a gente jogou o campeonato e ganhamos o campeonato carioca. Então, assim eu completei o ciclo de títulos aqui dentro.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para consolidação da tua carreira?

A.R. – Primeiro, assim, a vinda da minha irmã foi importante, quer dizer, ela ter começado junto comigo já que eu era muito tímida, eu era muito quieta e ela era mais expansiva, então foi uma maneira de eu vir me sentir à vontade, que eu estava jogando com ela. Ela é um ano só mais velha que eu, então, assim, foi muito importante. É óbvio, minha família que estava sempre junto com a gente, sempre perto, dando suporte, levando a treino, indo aos jogos acho que isso, se você for ver, para noventa por cento dos atletas a família, eu acho que é fundamental. E aí eu listo vários técnicos: um o Marco Aurélio que já falei que foi meu primeiro técnico e que me acompanhou de mirim ao adulto, inclusive em seleção brasileira infante, juvenil e adulto. Vários outros técnicos como o Radamés que foi meu técnico na seleção, o Enio Figueiredo que também foi meu técnico de seleção. O Jorjão², Inaldo³... Eu vou esquecer, né? O Wadson Limo eu prefiro passar [risos]. Enfim, eu tive vários técnicos, eu acho que em clubes também eu tive outros técnicos. Trabalhei com o Zé Roberto logo no início da carreira dele como técnico. Enfim, eu acho que todo técnico sempre é importante. Uns com mais tempo, outros com menos, mas técnicos e preparadores físicos, os assistentes. Eu acho que eu hoje trabalhando, às vezes... Como técnica já trabalhei mais. Agora estou como supervisora, eu trago muito do que eles me falavam, do que eles me ensinavam. Coisas que eu gostava ou não gostava como jogador é muito das experiências que eu já tive nesse relacionamento com os técnicos.

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

A.R. – Foi muito presente, assim. Diretamente a minha irmã, já que nós jogamos durante seis anos juntas no Botafogo. Depois na seleção brasileira, carioca, infante, juvenil, seleção brasileira infante, a gente sempre teve muito junto. A minha mãe, a minha outra irmã mais nova, meu pai que trabalhava muito, mas estava sempre nos jogos. Eu acho que a família é o suporte, pra mim é sempre meu porto seguro. Depois de casada eu continuei jogando e já com filhos, meu marido sempre me acompanhou

² Jorge de Barros.

³ Inaldo Manta.

muito. Eu acho que isso dá uma tranquilidade pra gente treinar porque problema todo mundo tem, né? E se você ainda tem problema dentro da quadra e problema na família isso vai afetando seu desempenho. Eu, graças a Deus sempre tive a minha família perto de mim e eu acho que isso me fortaleceu e me fez jogar até quarenta anos. Assim eu consegui ter uma longevidade porque minha família entendeu e estava do meu lado.

M.T. – No voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta que você considera importantes?

A.R. – Olha, assim eu acho que aquele Mundialito que teve em oitenta e dois foi um marco, né? O vôlei existia em oitenta, eu lembro que eu vi alguma coisa, eu já jogava vôlei, mas eu vi alguma coisa da Olimpíada na televisão, mas era uma coisa muito distante. Enfim, eu também era muito garota, eu queria mais era brincar do que ficar vendo qualquer coisa na televisão e eu acho que o Mundialito em oitenta e dois foi o grande aparecimento público e veio o reconhecimento do vôlei, do esporte. Antes o pessoal falava assim: “O que que você faz?” e eu respondia: “Eu jogo vôlei”. “Aquele da cesta?” As pessoas não tinham muita noção do que era vôlei, do que era basquete. Era tudo muito misturado. Sabia que era com bola, mas a coisa não era muito definida. Eu acho que ali foi o grande “boom” do vôlei, a hora que realmente explodiu e enfim aí foi sequência de outros campeonatos. Aí, na Olimpíada a gente já teve uma visibilidade maior, com a medalha do masculino também, uma participação do feminino num jogo contra os Estados Unidos, três a dois, que foi assim pra gente lá sofrimento, mas foi um marco também. É eu acho que dali pra frente foi ladeira acima.

M.T. – Qual episódio marcou a sua carreira na década de oitenta? Qual ou quais?

A.R. – Eu destacaria a Olimpíada. Eu fui convocada pela primeira vez para a seleção brasileira no Pan-americano, em oitenta e três, com dezesseis anos. Eu era muito jovem e não tinha nem a pretensão de ir. Tinha um monte de gente, tinha a Jaqueline, a Ivonete, a Blenda, era muita gente e eu com dezesseis anos olhava para aquelas meninas meio assustada e foi uma experiência bacana, mas eu fui cortada. Aí, em oitenta e quatro eu fui novamente convocada, já para treinar para a Olimpíada e numa realidade totalmente diferente. Eu estava no colégio ainda e as meninas todas adultas, então, assim eu acho que ali foi meu grande crescimento como jogadora. Eu estava saindo do

amadorismo do Botafogo, de um clube da minha casa, com a minha irmã, com a minha família, com as minhas amigas, para ir jogar no Bradesco, numa empresa para jogar adulto e brigar por uma vaga na Olimpíada. Eu acho que foi a virada da minha carreira, eu acho que foi ali em oitenta e quatro. Em oitenta e oito, eu tive um ciclo todo, mas começou ali em oitenta e quatro em que teoricamente eu não era nem pra ir. Eu tinha sido convocada pra ganhar experiência, para treinar com um pessoal mais velho, pra me preparar pros próximos anos e acabou que eu tive um crescimento muito grande e tal e acabei ficando. Fui pra Olimpíada e realmente foi assim, eu nem acreditava. Eu liguei pra minha casa falei “mãe, eu fiquei” e todo mundo chorando porque tinha gente cortada e eu feliz da vida, não queria saber se tinha gente triste, eu tava adorando, é obvio. Depois vem o ciclo: é campeonato mundial, é Copa Japão, Copa do Mundo, Pan-americano... Particpei de todos os campeonatos nesse ciclo olímpico. Eu acho que isso é legal. A década de oitenta foi muito rica pra mim. Quando fiquei grávida da minha terceira filha, a Luiza, eu fiquei em casa sem fazer nada, não podia jogar, não podia fazer nada, tinha quase quarenta anos, eu resolvi organizar os meus recortes. Então, eu fui fazer alguma coisa e comprei duas pastas de folhas achando que dava. Eu enchi dez. Então, é muita coisa, saia muita coisa no jornal, tinha muita repercussão. Tudo que acontecia, era noticiado. Não tinha a televisão, não passavam na televisão todos os jogos, era um ou outro, mas era jornal direto, era muita matéria no Globo Esporte, enfim, nos veículos de esporte mesmo. Então, acho que isso foi a década de oitenta pra mim. Foi muito rica em termos de divulgação e de eventos porque tudo que eu podia participar eu participei nesse período.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta?

A.R. – Bom, a gente lá dentro não sente muito, mas hoje, de fora, dando uma olhada, a gente percebe que tinha o mínimo de estrutura, assim, o mínimo do mínimo. Não tinha, às vezes, a quadra ideal, não tinha local pra treinar, não tinha material pra treinar, dinheiro para viajar. Era assim raríssimo a gente fazer uma viagem internacional, a gente fazia uma por ano, ai era difícil você fazer amistosos, se preparar, treinamento, academia, aparelhagem não era a melhor. A gente treinou para a Olimpíada em quadra de madeira, então, assim, eram umas coisas que hoje em dia são impensáveis. Eu hoje vejo as meninas reclamarem que estão indo de classe executiva. Eu olho aquilo e falo

assim: “Meu Deus do céu”. Quando a gente viajava, eu dava graças a Deus. Então é obvio é outra realidade. O vôlei evoluiu, a estrutura evoluiu, o dinheiro melhorou e tudo virou. Que bom que melhorou, mas era assim, as bolas eram uns cocos, a bola era pra durar o ano inteiro, não tinha essa história de bola nova todo mês, não existia isso. Então, eu acho que essas dificuldades eu realmente destacaria.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para sua vida?

A.R. – Eu acho que trouxe tudo. O voleibol e o esporte em geral, não só o vôlei, mas no meu caso o vôlei, ele deu uma direção pra minha vida. Eu não sei se eu não jogasse vôlei o que eu seria o que eu faria. De repente, eu tenho uma amiga minha que é minha amiga desde os três anos de idade que acabou indo para a Educação Física. Ela não trabalha com vôlei, trabalha com escola, então, de repente eu seria uma professora de escola. Era uma coisa que eu sempre gostei, de esporte, de atividade física, mas o vôlei me direcionou para um caminho bem sucedido, pra esse caminho do esporte. A disciplina, o meu próprio casamento, que não é com um jogador de vôlei, apesar de ele ter jogado, mas foi com um atleta que eu conheci num evento por causa do vôlei. Meus amigos, hoje eu tenho muitos amigos vindos do vôlei e do esporte. Eu acho que esse meio é um meio que eu me sinto bem, que eu gosto que eu convivo. Eu tive poucas experiências fora do vôlei e eu acho que o esporte te dá uma um poder de decisão. Então você fica um pouco mais segura porque no esporte você é testado desde o primeiro dia que você entra numa quadra, você é testado, você é observado, você está sendo colocado ali numa competição lúdica, mas é uma competição, então eu acho que isso prepara você pra vida fora do esporte. E essa experiência eu tive me comparando com pessoas que nunca fizeram o esporte. De repente eu tinha que tomar uma decisão técnica lá de outra coisa que enfim, eu tava acostumada a tomar decisão. Então no vôlei eu tinha: “Levanto pra frente ou pra trás?” E aquilo vai pra minha vida também. Eu acho que isso foi um grande ganho e não é só pra mim, eu acho que todo mundo que convive dentro do meio esportivo ganha muito quando entendi essa dinâmica.

M.T. – Não foi à toa que a Ana Mozer ganhou o programa O Aprendiz, né?

A.R. - Pois é, eu não vi o programa, mas eu soube e tem tudo a ver, porque a Aninha é uma pessoa assim super inteligente, sempre foi “Caxias” pra caramba, estudava, queria

saber o que estava fazendo e o que não estava e foi pra esse lado mais burocrático da coisa. Ela é brilhante. Então, eu acho que ela leva vantagem. Todo mundo que era do esporte leva essa vantagem. Tem que segurar a pressão e em algum momento tem que decidir.

M.T. – O que significava para você ser jogadora da seleção brasileira?

A.R. – Eu acho que é um orgulho. A gente fazia um novo grupo na seleção. Vinha um monte de gente e tal e quando você chegava na seleção brasileira era aquela coisa assim: “Gente, eu to representando mesmo o meu país, a minha classe, as minhas amigas que não estão aqui e que jogam no meu time”. Aí, quando você voltava era difícil porque pelo menos na minha época ninguém ficava naquela ciumeira não. Elas queriam saber como é que tinha sido o que eu fiz, aonde eu tinha ido, como eu joguei. Então, eu acho que a gente era um pouco representante daquele pessoal que não ia. Então, era um orgulho você estar no topo, na elite do seu esporte.

M.T. – E o que você almejava como jogadora da seleção brasileira?

A.R. – Ah, sempre ganhar, né? [risos]. Eu sempre fui muito certinha, muito “Caxias”. Eu gostava de treinar. Eu não tinha essa história de mais ou menos. Será que dá pra fazer? Não, eu sempre fui muito obediente e até gostava daquela rotina. Gostava de treino, gostava de entender o que eu estava fazendo e eu acho que era isso que eu almejava, de fazer bem aquilo que eu tinha me proposto. Eu me entregava mesmo. Não era de falar muito, não era uma daquelas que levantavam a mão e tal e num sei o quê, mas eu tentava ser o exemplo executando aquilo que era pedido. Sempre de uniforme, sempre no horário e tendo uma vida muito regrada. Eu sempre fui assim até que eu cheguei à conclusão que eu gosto de rotina, aquela coisa de rotina que o esporte exige e eu me dava muito bem com isso. Então, eu acho que era isso mais ou menos que eu queria ser. O resultado é obvio, a gente sabia das nossas limitações em termos de resultado. As pessoas diziam “Mas você foi pra Olimpíada, legal, mas você não ganhou nenhuma medalha?” As pessoas não tinham noção do quanto era difícil ir para uma Olimpíada. Ganhar uma medalha não era assim impensável, mas era dez vezes mais difícil. Então, às vezes, as pessoas desdenhavam. Porque hoje é fácil, o vôlei não ganhar

medalha é ate zebra. Não é que seja fácil, mas o trabalho é feito melhor e tal e se torna mais fácil ter uma medalha olímpica, né?

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

A.R. – Ah, eu acho tudo. Eu até conto que eu não sou, eu nunca fui chorona, aquela atleta chorona e tal. Nunca fui. Não é meu perfil nem quando eu perco nem quando eu ganho. Poucas vezes eu chorei, mas duas foram nas Olimpíadas e as duas no desfile da Olimpíada. Então foi a hora que eu realmente me emocionei e falei assim: “Gente, eu estou numa Olimpíada”. E eu olhava pro lado aquela multidão de atletas brasileiros e de todos os países. Eu falava: “Gente, aqui estão os melhores atletas do mundo, de todos os esportes e eu estou aqui”. Então era uma coisa, uma dimensão tão grande que eu falava: “Meu Deus do céu”. É aí que caia a ficha de você falar assim: “Eu estou numa Olimpíada”. E realmente é diferente de qualquer outro campeonato. Eu joguei campeonato mundial isso e aquilo, mas a Olimpíada tem essa magia. Você está junto dos melhores atletas do seu país, do seu esporte, de todos os países, de todos os esportes. Estão todos ali. Então tem uma magia diferente e eu acho que isso pra mim, a Olimpíada é isso. Tanto que depois, muito mais tarde eu fui pro Pan-americano em 2003, na praia, um campeonato muito menor, óbvio e ai a gente foi... Provavelmente tinha os desfiles, o jogo no dia seguinte, aí o pessoal chegou e falou: “Se tiver jogo no dia seguinte, ninguém vai pro desfile”. Eu chamei o coordenador do vôlei que era meu amigo e falei: “Olha, só eu vou pro desfile porque esse é o meu canto do cisne porque eu não vou mais jogar nada. Eu vou porque isso pra mim é tudo e se eu não for ao desfile eu não vim a esse campeonato”. Acabou que a gente não jogou e foi todo mundo ao desfile e eu resolvi o problema. O meu e o dele porque ia acabar criando um problema para ele.

M.T. – Ana como foi para você conciliar as demandas do voleibol com a sua vida pessoal?

A.R. – Bom, até eu me casar, a gente dava um jeito. A família te entende. Mesmo você abdicando dela, dos amigos, de festas, de tudo. Eu, pelo menos sempre fui assim. Então, em casa a coisa era mais fácil. Depois que eu casei foi na época em que eu acabei saindo da seleção e fiquei jogando só no clube e logo depois eu fui jogar na praia. Como

eu já tinha te falado, meu marido veio do esporte e conhece o esporte e me conheceu dessa maneira. Então eu acho que ele foi muito importante também pra minha vida, ele me ajudava porque ele falava assim: “Vai dormir, descansa, come isso, come aquilo”. Eu joguei grávida, então ele tinha uma preocupação também comigo, tipo: “Comeu? Descansou?” Eu acho que essa parceria foi importante também pra mim. Mas, a vida social morre completamente quando você está no esquema de seleção brasileira ou jogando no esquema de Superliga e tal. Você tem que se dedicar vinte e quatro horas por dia para aquela sua atividade. Se você está de folga e bebeu, dormiu tarde, comeu mal, no dia seguinte vai cobrar o preço. E a gente sente, o atleta sente muito fisicamente aquela coisa que não tem como disfarçar. De repente, não sei se você jogou, mas se você jogou e trabalha num banco e você não dorme, come mal, no dia seguinte você está lá no automático, né? Para o atleta não tem automático. Tem uma perda muito grande. Então, a vida social muda. O pessoal da faculdade até hoje me convida pra esses eventos e tem uma que fala assim: “É, eu estou te convidando, mas já sei que você não vai, mas eu estou te convidando, a gente vai fazer, vai se encontrar e tal”. Porque era assim, a minha vida sempre foi assim: poucas vezes eu consegui ir a eventos que não fossem do vôlei ou da minha rotina, da minha carreira.

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sobre o teu corpo atlético? Porque era um corpo diferente, um corpo trabalhado, não é?

A.R. - Eu acho que não tinha ainda a visão que hoje se tem de valorizar, de achar bonito o corpo do atleta. Hoje todo mundo quer ter o corpo do atleta. Antigamente não, a gente era diferente. Na hora de comprar roupa eu entrava numa loja e pedia dois números acima, aí a vendedora olhava e falava “Não, mas você é magrinha” Aí eu falava: “Minha filha, me dá porque não vai entrar na perna e tal”. Sim, porque a perna era muito grossa, o vestido não fechava, enfim, você passa a ter um corpo realmente diferente. Bota um salto alto, a batata faz assim [exagera]. Mas, eu sempre gostei de mim forte, eu me sentia bem, não tinha muito esse problema até porque eu convivia muito com atleta também, né?

M.T. – E você percebia estranheza das pessoas em relação a esse corpo?

A.R. – Não

M.T. – Ou achavam bonito? Admiravam? Como era essa percepção em relação ao outro, nesse caso específico?

A.R. – Olha, eu nunca percebi nada que fosse muito assim gritante, das pessoas ficarem comentando e tal. E eu também nunca liguei então eu acho que pra mim, se comentou, passou. Agora, eu já tive uma vez eu tive cabelo curtinho e ai eu estava de costas, bateu um cara assim “Aí, garotão, dá licença”. Eu olhei, porque eu era grande, musculosa, então é nessas horas que você se toca. Aí eu logo deixei o cabelo crescer [risos]. Vamos ajudar um pouquinho, né?

M.T. – Como era a rotina de treinamento da seleção nessa época de oitenta?

A.R. – Ah, era dura, era muito dura. Hoje a gente vê ai o pessoal reclamar, daqui do clube mesmo, do Botafogo: “A gente treinou duas horas e tal”. “Meu amor, eu treinei oito horas por dia”. Então assim, a gente treinava oito horas! Então, quando eu falo oito horas não são sete não, são oito, oito horas dentro da quadra, quatro horas pela manhã e quatro horas à tarde, com parte física. Era realmente muito pesado. A seleção brasileira treinava muito. Era outro tipo de jogo, tinha a vantagem, então o jogo demorava muito e a gente tinha que ter uma parte física absurda pra poder agüentar um jogo que podia ser de uma hora e meia ou podia ser de quatro horas. Então, se treinava muito. Além disso, a gente foi muito cobaia do treinamento. Eles estavam começando os primeiros estudos de como seria uma parte física, enfim, a gente fez tudo. A gente saltava com halter, com colete de peso de areia, botava pesinho de areia dentro do colete, caneleira, plinto. Era plinto de um metro e tanto de altura. Saltava de tênis baixinho. Era tudo em quantidade. A gente não tinha dados científicos. Enfim, a gente uma vez viu as chinesas fazendo agachamento com peso muito pesado e logo depois a gente começou a fazer também. Então, a coisa funcionava nesse nível. “Vamos testar, quem agüentar, agüentou. Quem não agüentar troca”.

M.T. – Então, em termos de lesão, sacrifício devia ser muito puxado, não?

A.R. – Era muito grande. A nossa geração é super bichada. Eu tive um privilegio ai de ser levantadora, que era um pouco mais tranquilo em termos de impacto, ataque. E eu

sempre muito forte, então a musculação me segurou muito pra não ter. Eu tive pouquíssimas lesões na minha vida, não tinha problema de ombro, de joelho e torci o pé duas vezes em trinta anos. Tá bom, né? Eu acho que nesse ponto eu não posso reclamar não, mas o treino era muito pesado, era muito treino técnico, muito treino de repetição de tudo, de todos os fundamentos. A gente teve o Jorjão na seleção que era um doido, que treinava até a gente abrir o bico. Os preparadores físicos sempre foram muito exigentes com isso, então a gente treinava muito.

M.T. – Havia diferenças, na tua opinião, entre o voleibol feminino e o voleibol masculino na década de oitenta?

A.R. – Ah existia. Eu acho que o vôlei masculino teve um resultado, não foi um crescimento, mas um resultado rápido e por conta eu acho que até da diferença de gênero, porque o menino desde mais cedo sempre fez esporte, então pra você transformar um menino que joga futebol em jogador de vôlei era muito mais rápido do que uma menina que viu uma bola em jogadora de vôlei. Então, eu acho que esse lado de homem e mulher, na década de oitenta foi fundamental para o esporte. Para o masculino é mais rápido em termos de resultado, eu acho que eles juntaram uma geração muito boa, aquela geração de prata eu acho que só tinha craque e foi muito rápido. O feminino demorou mais pra conseguir juntar uma turma boa, pra conseguir mais gente jogando nos campeonatos brasileiros, enfim, pra poder embutir também na cabeça o tipo de treinamento, que tinha que ser atleta. Eu acho que o processo foi mais lento e eu lembro a Heloisa mesmo, em oitenta e quatro eu era mais nova e ela era a mais velha. Nós temos dez anos de diferença, ela tinha vinte e sete anos e tava quase parando. Ela acabou jogando mais, mas assim, já era velha. Aí, de repente, a menina com vinte e poucos anos casa e o marido não quer que trabalhe. Ela vai ter filho e não sei o quê. Não ganha nada. Então, a pessoa parava muito cedo. Esse lance da quantidade de jogadores no feminino e no masculino era muito diferente.

M.T. – E em termos de tratamento?

A.R. – Ah tinha também... A gente não falava muito não, mas a gente reclamava pra burro porque o masculino, nessas reportagens eu lembro que o masculino fez a preparação deles para a Olimpíada no Clube Med de Itaparica e nós fizemos em São

José dos Campos [Centro Aero Espacial]. Apesar de ser um lugar ótimo, com uma estrutura bacana e termos sido super bem tratadas não dá para comparar com o Clube Med, né? Eles com a família toda, com os filhos, mulheres, todo mundo lá e nós isoladas tendo que viajar de avião todo final de semana para ver a família. Isso porque a Isabel bateu o pé, porque a gente vinha de ônibus. A Isabel bateu o pé e conseguiu que a gente viesse de Bandeirante, aquele avião pequenininho. Então fretava lá, sei lá como é que fazia e a gente ia e voltava naquele aviãozinho direto para São José dos Campos. A primeira vez, nós viemos de ônibus. Então, assim, era bem diferente. O feminino era meio que ralé: “O que sobra, a gente dá para o feminino”. Mas o masculino tinha tudo. Sempre foi muito mais bem tratado do que a gente, né?

M.T. – O que representou o voleibol feminino da década de oitenta na sua percepção em nível nacional e internacional?

A.R. – O Brasil? Bom, eu acho que a gente tinha... Todos os campeonatos que a gente participava era meio que um consenso dizendo que o Brasil tinha muito potencial, mas que precisava se desenvolver e ter alguma coisa mais certinha, um treinamento mais regrado, porque a gente tinha muita qualidade, mas era meio que desorganizado. Eu acho que os dois últimos anos do Enio, ele conseguiu dar uma cara que depois o Jorjão no próximo ciclo acelerou esse processo de organização do vôlei no cenário mundial. A gente começou a ganhar, a gente foi num campeonato em oitenta e seis, um mundial e a gente ganhou pela primeira vez, em campeonatos oficiais, da Coréia, da Rússia não me lembro de quem mais. Enfim, tivemos resultados que nunca tínhamos tido, então eu acho que em termos mundiais eu destacaria isso. Aqui dentro eu acho que mostrou um pouco que a mulher podia ser atleta, que a mulher podia jogar. Começou com essas histórias de musa e num sei o que lá “pá, pá, pá”, mas aos poucos foi acabando. Não tinha mais musa porque ninguém queria ser mais musa, queria ser campeã. Se fosse bonita era legal também, mas não me importava. Não é que eu queira tirar o valor da musa. Eu acho que a musa foi importante para chamar a atenção para o vôlei feminino, mas não podia ficar só nisso porque a representatividade era muito pequena e também se quiser ser musa vai ser miss Brasil, entendeu? Quer valorizar a beleza, vai desfilas e eu acho que foi se transformando, eu acho que chamou a atenção e começou a mostrar que a mulher podia ser atleta e podia ser bonita, podia ser mãe e aí eu acho que essa transformação foi importante. Nós tivemos várias atletas que tiveram esse papel. Eu

acho que no cenário aqui dentro do Brasil foi mais ou menos isso que mudou na década de oitenta.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes na tua opinião?

A.R. – Ah eu acho que a experiência de ter passado por muita coisa. Coisas que deram certo outras que não deram tanto e também foi responsável por muitas meninas quererem jogar vôlei. Então, a gente ouvia aqui mesmo, logo que eu vim pro Botafogo, um pai que chegou com duas meninas de nove anos e falou assim “Poxa, eu te vi jogar e num sei o quê.” E falou para as meninas: “Olha só, essa aqui foi Ana Richa”. E as meninas entraram para a escolinha de vôlei. Então, eu acho que a geração de oitenta teve esse papel de incentivar e de chamar a atenção pras outras, além de trilhar na parte técnica, física e até de estudo, de credibilidade, enfim, trilhou o caminho pra essa geração que veio depois conseguir os resultados que hoje estão aí, né?

M.T. – Quando você parou de jogar? Por qual clube? Por quê?

A.R. – Bom, eu na quadra parei de jogar aqui no Botafogo. Foi o último campeonato que eu joguei em noventa e cinco, noventa e seis e aí eu fui pra praia, quer dizer ai nesse período eu tive meu segundo filho e ai quando eu voltei eu fui direto pra praia. Joguei mais até dois mil e seis, mais dez anos. Parei bom, parei porque eu fiquei velha [risos]. Na quadra eu parei primeiro porque eu já tinha um filho e depois que ele nasceu eu joguei duas vezes fora do Rio. Enquanto ele era pequeno eu conseguia levar, não tinha negocio de colégio e tal e meu marido, nessa época, pode ir algumas vezes. Mas eu queria manter meu casamento legal. Para mim, casamento é na mesma casa, junto. Eu não consigo entender um morando aqui e outro morando lá, eu acho que isso pra mim não funcionou, então foi um dos motivos de eu parar de jogar na quadra e ficar a mercê de um ano jogar em Minas, um ano jogar em São Paulo, um ano jogar no Rio, outro ano... Então eu optei de ir para o vôlei de praia e ficar no Rio, jogar na minha casa e ficar por conta da minha família, meu marido, meu filho que ai entrou na escola e eu não queria cada ano trocar ele de escola dependendo do lugar que eu estivesse. E depois, quando eu tive o Eduardo mais ainda, eu precisava estar na minha cidade com apoio da minha família. Com eles no lugar deles, na escola deles, com a minha mãe

podendo me ajudar, meu marido trabalhando, já que ele não trabalha com esporte e eu acho que o vôlei de praia me proporcionou essa possibilidade de conciliar. Tinha muito mais flexibilidade, tanto de horário quanto de lugar. Apesar de eu viajar muito, eu podia ficar no Rio. Mas, quando eu engravidei da Luísa eu ainda estava jogando, com quarenta anos e não vi mais motivo para voltar e jogar, apesar de receber muitas propostas. Foi quando eu parei.

M.T. – Como foi a decisão de parar de jogar?

A.R. – Eu acho que eu não tive esse problema que eu acho que é um problema bem grave que acontece com quase todos os atletas, né? Eu não tive porque primeiro eu joguei durante trinta anos, então eu acho que aproveitei tudo e mais um pouco. Segundo porque eu parei porque eu estava grávida da minha terceira filha e com quarenta anos. Então foi uma coisa que eu em um tive nenhuma dúvida que eu queria parar, que eu ia parar. E aí vem uma curiosidade: depois que eu parei, nunca mais eu joguei nem pelada, nem brincadeira, nem nada. Então, assim, foi muito bem parada, muito bem resolvido. Decidido. Não consegui ficar fora do vôlei, até tentei por um ano e meio, porque a adrenalina, aquela coisa da competição, esse clima me fez falta, bastante falta. Eu achava que não ia conseguir como técnica e quando voltei depois desse um ano e meio, eu voltei como técnica de vôlei de praia. E o primeiro campeonato que eu fui, que eu ia jogar, eu acordei cedo, arrumei meu cabelo e eu disse: “Gente, eu não vou jogar, pra que eu estou fazendo isso?” A minha sensação é que eu estava jogando e aí eu vi que pra mim tava ótimo, que eu não precisava jogar pra ter aquela adrenalina do jogo, da competição. Bastava eu continuar dentro, de vez em quando. Então, eu acho que eu não tive esse drama de parar.

M.T. – Como foi essa transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

A.R. – Não... Eu fiquei grávida, eu descobri... Eu joguei um torneio, já estava grávida e não sabia. Voltei pro Rio, fiz o exame e descobri que tava grávida e ainda joguei mais três meses. Então, eu ainda acabei a temporada e aí depois que acabei a temporada parei, mas aí já tava com quatro meses e meio, mais ou menos. Aí tive filho e nem voltei, então por isso que eu falei que não teve o drama, porque acabou sendo uma coisa tão legal pra minha vida pessoal e por um motivo tão ótimo que não tive esse drama. A

transição pra ser técnica eu estava eu fui. Comecei a fazer curso pra ser técnica e começar a me preparar pra parar, desde os trinta e quatro anos. Então, eu tive ai seis anos pra pensar em ser técnica. Já era técnica e continuava jogando, então eu acho que eu sempre fui muito racional. Essa preparação já tinha vindo antes. A insegurança de você exercer outra função, isso existe isso, existe muito. Aí eu busco os meus outros técnicos, busco minhas experiências pra poder me tranquilizar.

M.T. – Você sente saudade da época que jogava?

A.R. – Olha, eu sinto uma saudade boa, uma saudade como lembrança do que aconteceu, do que a gente viveu, enfim, quando eu encontro com as meninas, hoje a que eu mais encontro é a Heloisa, porque ela também está trabalhando no Flamengo, a gente sempre conversa, conta história. É uma saudade muito boa sim da época que a gente viveu, de tudo que a gente sofreu, sabe? No finzinho é tão pequeno perto da vida que a gente teve, do que eu pude desfrutar. Recentemente, a Ana Lúcia botou uma foto da gente lá numa seleção juvenil que a gente ficou sete meses concentrada e foi uma loucura e todo mundo começou a comentar e tal. Aí, inclusive o Jorjão que tava lá né e a gente sofreu pra caramba. Eu falei: “Jorge, eu tenho raiva de você e tal”. Mas, a gente leva um pouco na brincadeira, assim na esportiva porque forma tantas coisas boas. A saudade tem, mas não de querer hoje jogar pra recuperar não, mas de encontrar, de ver de rever as pessoas. É, eu acho que isso tem umas boas lembranças, né?

M.T. – E o que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

A.R. – Olha, logo depois que eu parei de jogar eu tive a Luiza e eu passei um ano e meio trabalhando com a minha irmã com um negócio de roupa, comércio e tal. Nesse período eu sofri, porque eu vi que não tinha nada a ver comigo. Eu tava lá ajudando a ela e ela me ajudando também, que eu tava ganhando uma graninha legal, enfim, eu falei: “Bom, agora parei e tal”. Vou fazer isso e tive a oportunidade, tive um convite de treinar uma dupla na praia e ai era duas vezes por semana. Aí quando eu comecei a ver um e outro trabalho, que é um trabalho que pra mim sempre foi a minha vida, eu falava: “Não dá. Chega pra mim. Não vou mais, não aguento mais”. Enfim, é porque eu acho que a minha vida de alguma maneira continuou, ela não mudou. Eu mudei só de lado, mas ela não mudou e eu aqui to convivendo, conto muita história pras meninas aqui. To

convivendo com umas meninas que podem fazer o mesmo caminho que eu fiz começar no Botafogo, jogar aqui dentro, enfim, ir pra uma seleção carioca, seleção brasileira. Então, assim, eu acabo é relembrando a minha história estando nesse meio. É um privilégio.

M.T. – Ana, em qual momento da sua vida você foi mais feliz? Quando você jogava ou depois de ter parado de jogar? Por quê?

A.R. – Ah, é difícil falar qual é o mais feliz, né? Eu fui muito feliz jogando, acho que aproveitei muito e quando você para eu não senti essa abstinência toda, então, assim, eu tenho uma família, eu tenho outras felicidades que me completam. Então, eu não precisei do esporte só pra ser feliz. Eu não sei qual eu sou mais feliz, eu acho que tive momentos muito bons nas duas situações.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois de parar de jogar?

A.R. – É estou trabalhando hoje, aqui no Botafogo.

M.T. – Qual a tua ocupação hoje em dia?

A.R. - Eu sou supervisora do vôlei do Botafogo e trabalho com as categorias mirins a juvenil, crianças de onze até vinte anos é até pouco tempo eu estava como técnica de vôlei de praia também. Trabalhando na praia com o pessoal, com a garotada e com adultos também, sempre dentro do vôlei.

M.T. – O que o voleibol significa pra você?

A.R. – Eu acho que significa um estilo de vida, uma razão pra tudo que eu faço. Eu acho que a minha vida toda sempre foi em torno do voleibol, jogando. A minha vida pessoal hoje, a minha vida profissional... Eu faço questão que os meus filhos pratiquem esporte, independente se vão ser jogadores, nadadores, lutadores de judô, todos eles fizeram capoeira, enfim, porque eu acho muito importante essa vivência dentro do esporte. Eu tive oportunidades na vida também financeiras, de viajar, de conhecer o mundo, de

conhecer pessoas e por causa do vôlei. Então eu acho que a minha vida ficou sempre em torno disso.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

A.R. – Eu acho que é esse. As pessoas, o trabalho, a família que eu tive uma família antes, mas eu formei minha família. Com relação ao esporte, eu conheci meu marido dentro de um evento do esporte. A disciplina, a hierarquia, eu acho que isso tudo eu aprendi. Não é que eu aprendi com o vôlei, mas isso foi reforçado com o vôlei. Eu acho que o professor de escola tem uma importância, sempre ensina coisas, mas eu acho que o vôlei e o esporte você vivencia. O professor falar é uma coisa, a outra coisa é o técnico falar: “Tem que fazer isso porque se a gente fizer vai ganhar”. E o aluno vai lá, faz e ganha. Então, você vivenciou aquilo que era uma teoria. É óbvio que tem professores com aulas práticas que eu acho muito legal. Eu tive isso na faculdade e eu acho que isso é bacana, mas o vôlei é: “O cara fala você faz e acontece”. Tem resultado e isso é muito forte, eu acho que isso é um privilégio. Pra mim é realmente uma herança, o pilar do esporte pra mim é esse.

M.T. – E Ana, para finalizar, você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou nessa entrevista?

A.R. – Não. Já falei pra caramba [risos]. Eu acho que o esporte é importante não só pelo resultado, pela fama pelo..., mas por essa vivência que você vai ter, pela convivência que você tem com as pessoas. É pela educação e uma coisa que eu lamento é que o esporte não esteja dentro da escola porque eu acho que é isso que é uma luta que não sei se de repente eu ou você, enfim, eu acho que esporte teria que entrar na escola formalmente mesmo, com competições com... e isso ia ajudar muito. De maneira geral, no clube, nas competições, enfim, por isso que eu faço questão que meus filhos estejam nesse meio. Eu acho que é um meio que só ajuda. É óbvio que tem coisas ruins e tal, mas de uma forma geral o que eu poderia aconselhar as pessoas é que sempre tivessem em torno ali do esporte. Eu acho que de preferência o vôlei, vou puxar sardinha [risos], mas que tivesse convivendo com essa prática esportiva seja só pra brincar ou pra competir.

[FINAL DA ENTREVISTA]